

## **O começo do Fotojornalismo no Jornal da Manhã: da fotografia e fotojornalismo<sup>1</sup>**

Bruna Fernandes MACHADO<sup>2</sup>

Carlos Alberto de SOUZA<sup>3</sup>

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

### **Resumo**

A presente pesquisa se propôs a desenvolver uma investigação qualitativa para analisar o surgimento e a utilização do fotojornalismo no *Jornal da Manhã*, importante veículo de comunicação da região dos Campos Gerais e, principalmente, de Ponta Grossa, cidade onde o JM circula diariamente, trazendo para os cidadãos informações da área política, econômica, esportiva e social. Através de pesquisa bibliográfica e de campo, por meio de análise do material impresso, identificou-se características fotojornalísticas das imagens veiculadas pelo jornal desde a sua criação em 1954 até a década de 1990, estabelecendo uma linha do tempo para exemplificar a evolução da fotografia jornalística do veículo, tomando por base teóricas do campo da fotografia.

### **Palavras-chave**

Jornalismo; fotografia; Campos Gerais.

### **Introdução**

O Jornal da Manhã (JM) utiliza fotografias desde sua primeira publicação, em 4 de julho de 1954. Muitas fotografias provinham de agências de notícias. As fotos publicadas em notícias da cidade de Ponta Grossa e região eram executadas por empresas fotográficas da cidade, já que inicialmente a empresa não dispunha de equipes de fotógrafos e não havia recursos para a organização de um departamento de fotografia. Nesses primeiros momentos de existência, a ênfase do jornal era mais em textos, muitos deles longos e opinativos que procuravam retratar o contexto e as disputas políticas, bem como o cotidiano da cidade, principalmente de eventos sociais da elite pontagrossense.

A proposta desta pesquisa foi evidenciar como se deu o desenvolvimento da fotografia neste veículo de informação, levando em consideração o espaço destinado a

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Cinema e Audiovisual, da Intercom Júnior – X Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 4º semestre do Curso de Jornalismo da UEPG, Integrante do grupo de pesquisa Fotojornalismo, Imagem e Tecnologia do Departamento de Jornalismo e do grupo de extensão Fotorreportagem UEPG (Foca Foto). E-mail: brunafernandes.sm@gmail.com

<sup>3</sup> Professor Doutor em Ciências Humanas pela UFSC. Integrante do quadro de docentes do curso de Jornalismo da UEPG. Orientador do trabalho. E-mail: carlossousa2013@hotmail.com

fotos, o tipo de fotografia e a qualidade das imagens, considerando as várias fases do fotojornalismo ao longo da história deste periódico.

### **O fotojornalismo no Brasil e no Paraná**

A utilização de imagens na mídia impressa brasileira começou na segunda metade do século XIX, impulsionada pela necessidade de comprovação dos fatos abordados nas reportagens, e também como forma de estimular a curiosidade do público leitor para que criem interesse nas notícias publicadas nos jornais. O avanço da fotografia acontece principalmente nos grandes centros urbanos em jornais como O Globo, Correio Brasiliense, Jornal do Brasil. O fotojornalismo, ainda emergente, ao que Souza, Jasper e Kaliberda (2013) indicam, se torna ainda mais representativo quando surgem diversas revistas ilustradas no país, como as clássicas revistas *O Cruzeiro* em 1928, e a revista *Manchete* em 1952, que foram inovadoras no uso do fotojornalismo brasileiro e serviram como modelo para outros veículos impressos que apareceram no país nas décadas de 60, 70 e 80 em várias regiões do país, fora do eixo Rio-São Paulo, onde a imprensa era mais desenvolvida em termos técnicos e profissionais.

E, no estado do Paraná, a história da fotografia e do fotojornalismo ainda está muito fragmentada, em função das raras pesquisas no Estado que se debruçam sobre o desenvolvimento da imprensa regional e, principalmente, sobre o papel do fotojornalismo. Na pesquisa que desenvolvemos, junto às bibliotecas e centros de documentação, verificou-se que não há nenhuma sistematização sobre a história da fotografia e do fotojornalismo nos meios impressos estaduais, especialmente na região dos Campos Gerais que é alvo dessa investigação. Os poucos dados sobre esse tema relatam que uma das “mais antigas revistas ilustrada do Paraná surge em 1919 com o nome de ‘O Itiberê’, na cidade de Paranaguá.” (SOUZA; JASPER; KALIBERDA, 2013, p.7). Porém, não há como afirmar pontualmente o início e a valorização da fotografia nos meios impressos. Mas o que se sabe, e que é um dos resultados desta pesquisa, é que em Ponta Grossa o uso de fotos nos meios impressos, em jornais consagrados no contexto social, demorou a se consolidar como uma atividade profissional estruturada dentro das redações.

Em Ponta Grossa, Paraná, não se sabe oficialmente quando as fotografias começaram a circular nos meios de comunicação impressos. O que se sabe, a partir depoimentos de antigos fotógrafos, como é o caso de Germano Koch, em entrevista a Souza

(2012), é que no início, anos 40 e 50, os fotógrafos dedicavam-se mais aos retratos para documentos e registros de eventos sociais. Nos anos 50 e 60, empresas de fotografia da cidade acabavam cobrindo, a pedido dos jornais, determinados acontecimentos na área política, social e esportiva. Estas fotos acabavam estampadas nas páginas dos jornais de Ponta Grossa, inclusive no Jornal da Manhã. Muitos fotógrafos dessas empresas faziam serviços pontuais para essas empresas jornalísticas, criando assim uma sistemática de *freelancer*. Coube então a esses fotógrafos documentar diversos momentos da cidade, proporcionando assim, passo a passo, o surgimento do fotojornalismo na região dos Campos Gerais paranaenses. A atenção das câmeras eram dirigidas mais as figuras políticas, empresariais e a alta sociedade do município. Os eventos patrocinados pelos clubes recreativos sociais recebiam a atenção dos editores de jornais, bem como aniversários e casamentos de pessoas reconhecidas socialmente.

O fotojornalismo começa a ter uma função importante no meio social e nas cidades, que vai além de documentar o tempo. Sua função primordial é retratar os fatos no momento em que acontecem, contribuindo assim para a construção de novas narrativas comunicacionais, em que a fotografia assume papel importante no contexto contemporâneo e marca a força da imagem como forma de registro da história do município e da região em que se localiza.

A contribuição do fotojornalismo vai além da documentação iconográfica, ele também criou uma linguagem peculiar, com códigos próprios e formas características de trabalhar os elementos da fotografia. Cabe aos fotojornalistas a importante missão de nos levar ao local da ação, no instante exato em que ela acontece (MARTINS, 2010, p. 30).

Há de ser compreendido também que, principalmente na fotografia jornalística, em que a prioridade é informar pela imagem, são desencadeadas “reações emocionais mais espontâneas e quase sempre mais intensas que a leitura do texto literário, causada pela forma como é escrita e apresentada essa informação visual.” (PINHEIRO FILHO, 2003, p. 3). Mas, o texto e a fotografia também podem se complementar nos meios de comunicação, principalmente nos impressos, embora hoje muitos veículos venham dando um peso a mais para a imagem pelo fato de ela atrair o leitor e motivar a compra da revista, do jornal e de outros materiais nas bancas localizadas nas áreas centrais e periféricas. De acordo com Jorge Pedro de Sousa (2002), o texto tem várias funções relacionadas à fotografia, como a função de chamar atenção para algum detalhe na fotografia, ou mesmo para o conjunto dos

elementos de uma imagem que pode ser interpretada pelo leitor, considerando sua história e sua cultura. Além disso, o autor chama atenção também para a importância do texto. O texto pode dar ênfase a elementos registrados pelo fotógrafo. Um bom trabalho de cobertura jornalística necessita de um perfeito casamento entre a matéria e a fotografia. Eles devem estar intimamente imbrincados para dar sentido ao que a equipe de jornalistas pretende evidenciar. Tem a função de complementar as informações contidas na imagem, conotando-a para “orientar o leitor para os significados que se pretendem atribuir” (SOUSA, 2002, p. 77), direcionando o leitor para compreender a fotografia da maneira prevista pelo autor da matéria através de suas análises e comentários.

### **Memória da fotografia e documentarismo**

Com o passar do tempo, as notícias, texto e fotografia, se transformam numa forma de documentação que contribui para o trabalho dos historiadores no momento em que precisam reconstituir a História ou parte dela, principalmente devido ao caráter de memória que a fotografia possui. Ela impacta o público por ativar o a emoção através da memória, por ser uma forma de memória, como defendem Felizardo e Samain (2007, p. 218): "As pessoas envelhecem e morrem, os objetos e equipamentos se modificam ou se deterioram com o tempo. O que resta é a fotografia, o que nela ficou registrado se materializa e se imortaliza".

Documentação é um dos principais resultados do processo fotográfico. Após o momento factual, a fotografia ajuda a revelar o fato e na compreensão do mundo e a até a mostrar o que somos e nosso papel na sociedade. “A fotografia [...] acaba por documentar a história da sociedade, desenvolvendo-se em consonância com essa. Isso porque seu uso, além de documento histórico, é fundamental no sentido informativo para o seu meio social” (SOUZA; JASPER; KALIBERDA, 2013, p.2). A fotografia registra um momento único, que preserva a memória de uma época, de um contexto e serve como referência para enfatizar a evolução dos fatos, do momento, como Martins (2010) aborda em sua obra, através dela podemos constatar nossa evolução.

A foto como documento, que é um dos papéis que ela assume, acaba tendo notoriedade e reconhecimento. Sousa (2004) afirma que os fotógrafos da área visam mostrar ao leitor o que aconteceu, como aconteceu; que circunstâncias que tais acontecimentos se deram. A fotografia assumiu seu espaço na mídia impressa e também na

digital com o desenvolvimento da internet e de páginas destinadas a informação como blogs e sites. Muito do que acontece hoje pelo mundo é retratado quase que imediatamente nas várias páginas da internet antes mesmo de serem apresentadas por outros veículos como os jornais, revistas e a televisão, que também é um espaço importante de emissão de imagens. Ela se constitui como uma maneira de subsidiar os fatos e dar credibilidade às informações veiculadas diariamente pelos meios de comunicação. Com uma linguagem própria ela não só evidencia, ela revela, resgata, como também denuncia, por exemplo, políticos corruptos, crimes ambientais, calamidades sociais e climáticas. Diferentemente da linguagem escrita, a linguagem fotográfica chega mais fácil aos leitores pelo fato de que seus códigos são facilmente interpretáveis. Não há necessidade de alfabetização para a leitura e compreensão do sentido que ela se propõe a mostrar. Dessa forma, a foto permite explorar um dos principais sentidos humanos, que é a visão. É pela visão, principalmente, que interpretamos o mundo e este papel é realizado com desenvoltura pelos meios de comunicação. Hoje ninguém mais vive sem informações disponibilizadas pelos múltiplos veículos que compõe o sistema de comunicação mundial. A foto também tem o compromisso social em mostrar de forma denunciadora o que estava acontecendo, de divulgar as situações para que venham à tona e possam ser resolvidas ou amenizadas, utilizando a câmera como seu instrumento.

### **A evolução do fotojornalismo no JM**

Em análises feitas através do acervo contido na Casa da Memória Paraná, em Ponta Grossa, e de visitas ao acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDPH) da Universidade estadual de Ponta Grossa (UEPG), que contém exemplares do JM disponíveis publicamente para pesquisas, mas que geralmente são utilizados somente por pesquisadores da História, observou-se a importância em analisar tais dados, sob a ótica da Comunicação, mais especificamente sobre a área do Fotojornalismo, utilizando também como base entrevistas com antigos fotógrafos e jornalistas ligados a este veículo, e bibliografia disponível. Dessa forma, pode se estabelecer períodos do fotojornalismo no Jornal da Manhã, que diferentemente dos jornais das capitais e grandes cidades do país, não houve tantos recursos técnicos e financeiros que possibilitassem grande e rápido desenvolvimento como pode ser verificado a seguir.

Em 1954, ano em que o jornal iniciou suas publicações, o espaço destinado à fotografia era reduzido. Em suas primeiras edições, a maioria das fotos veiculadas no JM

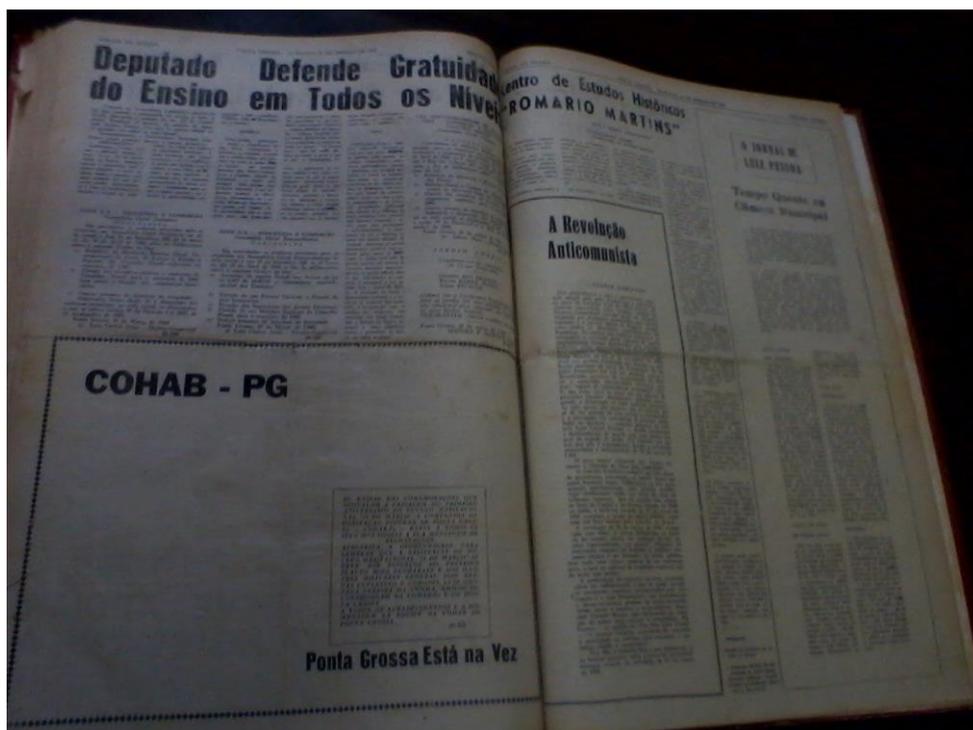
provinham de agências de notícias, seguido dos retratos que eram veiculados as matérias de teor social e político, como acontece na primeira edição do jornal em 4 de julho de 1954. Na primeira edição do Jornal, das quatro fotos presentes em todo exemplar, duas são de notícias de agência, e das outras duas, uma é de retrato social e outra é retrato de atores de um filme, fazendo parte de um anúncio do cinema.

Poucas imagens compunham os cadernos do jornal. Há casos de edições com três, quatro fotografias e outras com apenas uma ou nenhuma, não havia uma regularidade em relação ao uso dessas imagens. De acordo com o fotógrafo Domingos Silva Souza, profissional que vivenciou a evolução da fotografia na região dos Campos Gerais, nessa época a dificuldade estava principalmente em reproduzir as imagens, pois ainda utilizavam o processo de impressão fotomecânica em que o filme, depois de revelado, tinha que ser enviado para Curitiba para que fosse produzido o clichê (que nada mais é do que uma chapa de cobre e zinco com gravações em relevo que era usada para reproduzir as imagens no papel) e depois de dois dias voltava para Ponta Grossa, podendo assim reproduzir as fotografias no Jornal. Ainda de acordo com Domingos, nunca houve clichéria em Ponta Grossa, o que fez com que esse processo se estendesse até adotarem outro método de impressão no final da década de 60. Sousa (2004) expõe que o processo da impressão fotomecânica também precisava do processo de *halftone*, que tratava de decompor a imagem a transformando em “uma trama de pontos que, depois de impressos, restituem à foto a sua identidade: os cinzentos são traduzidos em pontos negros que o olho humano mistura, restituindo a sensação do tom original” (SOUSA, 2004, p.52).

No início da década seguinte, 1960, observa-se que esse cenário não teve muita alteração. O número de fotos ainda era reduzido, se limitavam a fotos de agências, e a pequenos retratos de políticos, empresários e outros cidadãos conhecidos na cidade e na região, bem como a elite social pontagrossense que frequentavam eventos patrocinados pelos clubes recreativos, e até patrocinados pelo próprio Jornal, como acontece no concurso para eleger a mais bela moça pontagrossense. De maneira geral, de julho de 1954 a dezembro de 1968, era frequente o uso de retratos de personalidades, e em algumas edições constam imagens em plano geral que mostravam as praças e ruas da cidade de Ponta Grossa, imagens que geralmente não tinham humanização, mostrando somente um espaço vazio. Também foi constatado, ao longo da pesquisa documental realizada nos exemplares do JM, o uso frequente de fotografias em anúncios publicitários.

A partir da segunda metade desta década, ano de 1965, começaram gradualmente a remover os fios que dividiam as colunas de textos do jornal, o que o deixou com uma aparência mais “limpa” visualmente, principalmente em torno das imagens. São visíveis também mais espaços em branco causados pela censura da ditadura militar vigente, já que no início do período ditatorial, como Chaves (2007) afirma, o Jornal da Manhã buscava veicular algumas críticas ao regime, principalmente por que dono do veículo na época era o então deputado udenista João Vargas de Oliveira, que era oposição ao regime. “João Vargas de Oliveira explicitou, em um artigo publicado pelo JM, seu desencantamento com os rumos do “novo” regime: ‘Não, a revolução que eu sonhei, não foi essa que está aí!’, afirmou no dia 6 de agosto de 1964.” (CHAVES, 2007, A2). Mas, por o deputado ser muito tradicionalista e conservador, acabava apoiando algumas ações do governo militar, fazendo com o jornal tivesse uma posição ambígua de acordo com Chaves (2007). Mas assim como aconteceu com outros periódicos e meios de comunicação, o JM acabou se adequando às imposições dos militares, principalmente depois da posse do General Costa e Silva, governo em que foi imposto o Ato Inconstitucional 5, que é até hoje considerado o mais cruel golpe contra a democracia brasileira, pois dava plenos poderes ao regime militar, instaurou a censura prévia dos meios de comunicação, peças teatrais, livros e músicas, dentre outras determinações.

Figura 1 – Exemplo dos espaços em branco no interior do jornal, em dezembro de 1968



Na década de 1970, foi possível observar a diminuição na quantidade de retratos ao longo dos exemplares e há uma crescente veiculação de fotografias de outros tipos, como reuniões, trabalhadores em seu ambiente de trabalho, escolas, etc. Há mais humanização nas fotos veiculadas, e como foi mencionado, não se limitavam mais a retratos e ao ambiente da cidade: os fotógrafos saíam mais a campo, mostravam ação noticiosa em seu contexto, as fotos passam a ter caráter mais jornalístico. Segundo o Domingos, nesta década o JM começou a contratar fotógrafos próprios para executar serviços, e um dos primeiros fotógrafos a compor esse efetivo do jornal foi Dário Rodrigues. Criaram também o setor de fotografia com laboratório para revelar o filme e ampliar as imagens, facilitando o trabalho dos fotógrafos que começavam a executar seus trabalhos no veículo, o que ajuda a esclarecer a maior veiculação de fotos.

A partir de 1975 diminuiu-se o número de fotos jornalísticas no veículo e por motivos econômicos aumentaram os espaços para anúncios. Voltam também os retratos, tanto em colunas sociais, quanto nas notícias, principalmente em casos que envolviam política, mostrando a imagem do político envolvido, exaltando-os. Mas nesta década é notável também a melhoria na qualidade das fotografias, tanto na composição quanto na resolução da imagem. Neste período aumentou-se também o número de páginas do jornal, passando de 8 a 16 páginas.

Já a partir de 1980, o fotojornalismo é um mais valorizado: todas as fotos do veículo apresentam legendas, e em alguns casos há título próprio para a fotografia (um título para a notícia, e outro para a fotografia). É mais comum ter fotos grandes no primeiro quadrante que chamam atenção para o jornal, e as fotos sociais e dos anúncios não se sobressaem mais do que as das notícias, as editoriais estão melhor divididas, o que cria um equilíbrio nos assuntos tratados pelo JM, mas ainda não haviam os créditos ao fotógrafo. Como acontece, por exemplo, na Figura 2.

Figura 2 – Capa do Jornal da Manhã de 4 de janeiro de 1980



Na década de 90 do JM ficou mais similar ao que é atualmente. As editoriais e seus respectivos conteúdos estão bem divididos, as notícias têm mais prioridade e mais ênfase do que anúncios. Finalmente começam também a dar crédito aos fotojornalistas nas imagens. Em 1998, de acordo com o atual editor-chefe do JM, Mário Martins, o Jornal adquiriu sua primeira câmera digital, uma Sony Digital Mavica, mas demorou cerca de oito anos para ser instaurada a fotografia digital, principalmente pela dificuldade de adaptação dos fotojornalistas ao manejo da nova tecnologia. A fotografia colorida, diferentemente de outros veículos dos grandes centros urbanos do país, só passou a ser utilizada no ano de 2007, quase na mesma época em que a fotografia digital ganhou seu espaço, caracterizando grande atraso em relação a outros grandes jornais do Brasil, como O Globo e a Folha de S. Paulo, que veicularam fotos coloridas ainda no século XX.

## Conclusões

O Jornal da Manhã transitou desde sua criação com as dificuldades, especificamente no campo fotográfico. Superado o problema em reproduzir as fotografias, o veículo ainda tinha problemas quanto a definir quais temas mereciam maior destaque na cobertura fotográfica. Nesse contexto, o fotojornalismo batalhava para ocupar mais espaço que as imagens da coluna social e os anúncios publicitários, problema que se estendeu por bastante tempo, mas teve fim em meados dos anos 90 e 2000, quando o jornal realmente dividiu o jornal por editorias, e chegando a um modelo próximo ao que se vê atualmente no JM,

Esta pesquisa se propôs a identificar o fotojornalismo do seu ano de fundação aos anos 90, e, por considerar as relevantes mudanças ocorridas no início dos anos 2000, se estendeu um pouco mais para que pudesse observar as alterações ocorridas, especificamente sobre o fotojornalismo, em que pode se observar principalmente através da pesquisa documental, e também da bibliográfica e entrevistas, que a qualidade técnica da fotografia evoluiu bastante. Ter começado a utilizar legendas nas fotos na década de 80, os créditos ao fotojornalista na década de 90, e as cores e fotografia digital nos anos 2000 também mostraram a importância que o periódico estava dirigindo ao fotojornalismo, o reconhecendo como importante maneira visual de atrair a atenção do leitor para os assuntos veiculados em torno do tema. Dados importantes foram revelados ao longo de toda a pesquisa, que irá auxiliar também para, quem sabe, consolidar um pouco do desenvolvimento da fotografia e do Fotojornalismo no Paraná.

É visível também que, os jornais do interior, como é o caso do Jornal da Manhã, por dispor de poucos recursos técnicos, financeiros e até por ter inicialmente poucos profissionais jornalistas trabalhando no veículo as informações se misturavam evidentemente a opinião, também não haviam muita visão do que poderia ser melhorado ao longo do tempo, causando evidente atraso, se comparado a grandes veículos de informação jornalística do país.

## Referências

CHAVES, N. B. **Fragmentos**. Jornal da Manhã, Ponta Grossa, P. A2. 23 set. 2007.

FELIZARDO, Adair; SAMAIN, Etienne. A fotografia Como Objeto e Recurso de Memória. In. **Discursos fotográficos**, Londrina, v.3, n.3, p. 205-220, 2007.

LOMBARDI, K. H. Documentário Imaginário: reflexões sobre a fotografia documental contemporânea. **Discursos Fotográficos**, Londrina, v. 4, n. 4, 2008.

MARTINS, N. **Fotografia: da analógica à digital**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2010.

PINHEIRO FILHO, Abdias. O texto fotográfico e sua leitura. In. \_\_\_\_\_. Movendo Ideias, Belém, v.8, n.14, p.11, 13 nov 2003.

SOUSA, J. P. **Fotojornalismo: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**, 2002. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-fotojornalismo.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2013

\_\_\_\_\_. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Chapecó: Argos/Letras contemporâneas, 2004

SOUZA, C. A.; JASPER, A.; KALIBERDA, A. História da Fotografia e do Fotojornalismo em Ponta Grossa, PR: um projeto de resgate. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 9., 2013. Ouro Preto. **Anais eletrônicos...** Ouro Preto: Alcar, 2013. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-audiovisual-e-visual/historia-da-fotografia-e-do-fotojornalismo-em-ponta-grossa-pr-um-projeto-de-resgate>>. Acesso em: 04 fev. 2014.

SOUZA, C. A. **Um homem de muito valor, que na vida trafegou entre a fotografia e a arte**. Disponível em: <<http://uepgfocafoto.wordpress.com/2012/03/10/um-homem-de-muito-valor-que-na-vida-trafegou-entre-a-fotografia-e-a-arte/>>. Acesso em 04 fev. 2014